

O GÊNERO DISCURSIVO REPORTAGEM IMPRESSA, O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM OLHAR ENUNCIATIVO

Fabíola Nóbrega Silva

Ronilson Ferreira dos Santos

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Faculdade Maurício de Nassau

fabiolanobrega27@gmail.com

jsantosronilso@gmail.com

A aglutinação, processo de formação de palavras, está sendo definida através dos campos fonológicos e morfológicos. Na nossa concepção, observá-la estritamente por esses prismas resume sua potencialidade constitutiva, assim como não abrange algumas de suas nuances, visto que são marginalizados os fatos discursivos, próprios da língua. À luz de Nóbrega (2016), há, por sua vez, a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva. Considerando as sugestões de mudança advindas com o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) no concernente ao ensino do português, o artigo aqui proposto teve como objetivo geral apresentar uma proposta didática sobre o gênero reportagem impressa, observando como funciona o processo de formação de palavra aglutinação. Para tal propósito, recorreremos ao construto teórico defendido por Bakhtin/Volochinov (1981, 1926), Bakhtin (2003), além de pesquisadores do pensamento linguístico do Círculo de Bakhtin. Na nossa metodologia, foi seguida a classificação proposta por Lakatos (2012) em relação à modalidade e tipos, sendo possível considerar: a área da ciência, a natureza, os objetivos, os procedimentos, o objeto e a forma de abordagem. No que diz respeito à modalidade, pode-se afirmar que nossa pesquisa é teórico-analítica, uma vez que atualiza o conceito de aglutinação sintático-discursiva proposto por Nóbrega (2006). Referentemente ao tipo de pesquisa, considerando nossos objetivos, pontua-se que ela é descritiva, visto que a aglutinação e a desaglutinação sintático-semântico-discursiva foram observadas, registradas, analisadas e interpretadas. Por sua vez, também é explicativa, pois foram identificados fatores que propiciam a ocorrência do fenômeno analisado na reportagem. Já quanto à forma de

abordagem, nosso trabalho é qualitativo, pois há o perfil descritivo, tendo a preocupação em interpretar o fenômeno e não com a quantidade relativa à sua ocorrência. Por outro lado, nossos dados foram analisados indutivamente, havendo a interpretação do fenômeno e a atribuição dos significados. Nosso corpus foi composto por 10 reportagens impressas da Revista Veja, publicadas no período de 2016 a 2017 e pesquisadas no site <<http://veja.abril.com.br/acervodigital>>. Com base na proposta didática realizada, constatou-se que a aglutinação sintático-semântico-discursiva é um processo de origem enunciativa delineado socialmente, configurando-se a partir do diálogo entre interlocutores. Esse fenômeno se realiza através de um lugar, que pode ser preenchido no plano da organicidade (sintaxe) ou simplesmente ocultado (efeito de sentido), entretanto, perceptível no plano do enunciável, possibilitando a construção de um saber de entremeio. Saber esse que se pauta na relação entre o linguístico e o discursivo, assim como assinalou Dias (2010). Com isso, foi apresentada às definições de aglutinação, existentes nas gramáticas, que permeiam nossos circuitos de aprendizagem, uma alternativa teórico-discursiva, ampliando o horizonte conceitual desse instigante fenômeno.

Palavras-chave: Discurso, Reportagem Impressa, Morfologia, Ensino.

1 Introdução

Ao adentrar em nossa literatura, observamos que a aglutinação, enquanto processo de formação de palavras, é vista através de aspectos fonológicos e morfológicos. Para nós, contemplá-la só a partir dessas particularidades limita sua potencialidade constitutiva, não sendo observadas algumas de suas particularidades, uma vez que não são visualizados os fatos discursivos, específicos da língua.

Na concepção de Nóbrega (2006), existe, por seu turno, a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva. Assim, observando as sugestões de mudança feitas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) no tocante ao ensino do português, o artigo aqui materializado teve como objetivo geral apresentar uma proposta didática sobre o gênero reportagem impressa, observando como funciona o processo de formação de palavra aglutinação. Para tanto, lançamos mão do construto teórico defendido por Bakhtin/Volochinov (1981, 1926), Bakhtin (2003), além de pesquisadores do pensamento linguístico do Círculo de Bakhtin.

Mediante a proposta didática realizada, foi apresentada às definições de aglutinação, registradas nas gramáticas pedagógicas, uma alternativa teórico-discursiva, sendo possível ampliar o conceito em evidência.

2 Metodologia

Em nossa metodologia, foi seguida a classificação proposta por Lakatos (2012) em relação à modalidade e tipos, sendo possível considerar: a área da ciência, a natureza, os objetivos, os procedimentos, o objeto e a forma de abordagem. No que diz respeito à modalidade, podemos afirmar que nossa pesquisa é teórico-analítica, uma vez que atualiza o conceito de aglutinação sintático-discursiva proposto por Nóbrega (2006). Concernente ao tipo de pesquisa, considerando nossos objetivos, pontuamos que ela é descritiva, visto que a aglutinação e a desaglutinação sintático-semântico-discursiva foram observadas, registradas, analisadas e interpretadas. Por seu turno, também é explicativa, pois foram identificados fatores que propiciam a ocorrência do fenômeno analisado na reportagem. Já quanto à forma de abordagem, nosso trabalho é qualitativo, pois há o perfil descritivo, tendo a preocupação em interpretar o fenômeno e não com a quantidade relativa à sua ocorrência.

Nossos dados, por sua vez, foram analisados indutivamente, havendo a interpretação do fenômeno e a atribuição dos significados. E o nosso corpus foi composto por 10 reportagens impressas da Revista Veja, publicadas no período de 2016 a 2017, pesquisadas no site <<http://veja.abril.com.br/acervodigital>>.

3 Resultados e Discussões

3.1 O gênero discursivo reportagem impressa: Um olhar bakhtiniano

Na nossa concepção, seguindo os apontamentos percorridos nos PCNs, o ensino de Língua Portuguesa, precisa ser realizado através dos gêneros discursivos. Nessa perspectiva, apresentamos a seguir uma proposta de análise do gênero reportagem impressa, especificando a aglutinação sintático-semântico-discursiva.

Segundo Bakhtin (2003), os gêneros do discurso são subdivididos em primários e secundários. Aqueles fazem referência a certos tipos de diálogos orais, como, por exemplo, as conversas íntimas, de salão, familiares, entre outras. Já os secundários dizem respeito aos mais complexos, assim como os romances, as pesquisas científicas etc. Esses são construídos considerando as condições relativas a um convívio social completo, até certo ponto bastante desenvolvido, na maioria das vezes, o escrito. Observando o processo de sua elaboração, é possível notar que eles são capazes de incorporar e reelaborar muitos gêneros primários (simples), os quais são constituídos nas condições próprias da comunicação discursiva imediata.

Na nossa concepção, seguindo Bakhtin (2003), a reportagem impressa é um gênero do discurso secundário, porquanto é construída no universo que visa às condições de convívio social mais completo, até certo ponto, desenvolvido e elaborado. Ademais, possui outra característica suscetível a esse gênero: ser escrita. Ao observar o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo, é possível constatar que ela, de fato, é um enunciado pleno, apresentando suas especificidades. A título de ilustração, apresentamos a análise sobre a reportagem intitulada *Memórias que não se apagam*¹, observando a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *chorar*.

Quanto ao conteúdo temático, observamos que a reportagem impressa é um gênero que busca informar, descrever e divulgar assuntos atuais sobre várias questões sociais, assim como a economia, a gastronomia, a estética, a política, as pessoas famosas, o esporte, a cultura, a medicina, os avanços tecnológicos, o meio ambiente, a criminalidade, a educação etc. Em *Memórias que não se apagam*, é trazido à tona um problema social seríssimo, o abuso sexual infantil, o qual pode ocorrer nas ruas e na própria casa das crianças.

Para as repórteres Gabriele Jimenez e Renata Betti, o abuso sexual infantil é uma prática antiga, pois desde a época dos faraós já era constatado. No entanto, há pouco a justiça abriu os olhos para a problemática em países diferentes, entre eles, os Estados Unidos, a Holanda e o Brasil. No ponto de vista dos sujeitos-enunciadores, por gerar profundos danos psicológicos nas crianças, é

¹ Escrita por Gabriele Jimenez e Renata Betti, publicada na Revista Veja em 30 de maio de 2012, p. 90-96..

necessário um especialista para escutá-las no momento da denúncia, fato que nem sempre ocorre, bem como a exclusão social de seus agressores, os quais precisam ser punidos.

Nesse diapasão, Gabriele Jimenez e Renata Betti apresentam o depoimento de R.M., 8 anos, a qual afirma: “não gosto de lembrar daquela noite. Nunca mais quero ver o meu tio na minha frente, nunca mais²”, ficando nítido que aqui há uma rejeição por parte do sujeito-enunciador quanto à atitude do tio, que abusou da criança. Apesar de sua tenra idade, ela sentiu a sensação de estar ameaçada, ficando, portanto, com medo dele, a ponto de desejar excluí-lo de seu convívio, conforme evidenciam palavras como *nunca*, *tio*, *minha*, *frente*. A atitude dele passa a ser concebida e valorada pelo enunciador como algo repugnante e totalmente errado. Desta forma, observando o papel social exercido por um tio, caberia a ele protegê-la, dar carinho, atenção, cuidado e respeito, sendo o ato realizado por ele visto como uma espécie de inversão de valores sociais.

Os limites relativos aos enunciados são determinados através da alternância dos sujeitos. Assim, ao ler a reportagem em discussão, o interlocutor apresenta uma atitude responsiva, podendo refutá-la, ratificá-la, criticá-la, rejeitá-la etc. Qualquer leitor pode assumir uma dessas atitudes. Por exemplo, caso essa reportagem seja lida por um especialista (delegado, psicólogo, psiquiatra, médico, assistente social etc.), talvez este concorde sem reservas com o assunto discutido, ou faça isso com algumas ressalvas. Por outro lado, caso essa mesma reportagem seja lida por uma criança ou adulto que já tenham sido abusados sexualmente, pode gerar atitudes responsivas peculiares, entre elas, indignação, repulsa, aceitação etc. No entanto, se for lida por um pedófilo, pode gerar outras atitudes responsivas, como ratificação, discordância, refutação, indignação, reconhecimento de que tem essa patologia etc. Com isso, podemos registrar que, segundo Bakhtin (2003), o sujeito é ativo. Assim, no tocante à sua compreensão sobre um enunciado, ele assume posição de respondente. Nesse diálogo, a sua posição social, seu conhecimento prévio e interesse sobre assunto, seu grau de envolvimento, sua intelectualidade etc. irão indubitavelmente influenciar a sua compreensão e a sua escolha lexical, caso materialize verbalmente a sua resposta.

² Id. p. 91.

Destarte, consoante nos afirmou o próprio Bakhtin (2003), o sentido passa a ser construído em um tipo de arena onde irão entrar em confronto, resultando da interação entre os sujeitos envolvidos na comunicação, como ocorreu na reportagem *Memórias que não se apagam*.

Considerando Bakhtin (2003), percebemos um traço indispensável que constitui a reportagem em discussão: o seu direcionamento a alguém (destinatário). Gabriele Jimenez e Renata Betti, ao construí-la, concebem esse direcionamento, atentando para seu conteúdo temático, elementos composicionais e estilo, bem como para o campo social em que ocorre. Os destinatários aqui suscitados são determinados pelo campo referente à atividade humana a que a reportagem impressa *Memórias que não se apagam* está relacionada. Eles podem ser sujeitos do discurso interessados por questões sociais, atualidade, pedofilia, distúrbios mentais, direitos da criança, vida de pessoas famosas e anônimas etc. As repórteres, ao escreverem essa reportagem, conseguiram perceber, representando para si, os outros (destinatários) dessa ação, e isso influenciou tanto a composição quanto o seu estilo. *Memórias que não se apagam*, por sua vez, é construída em um campo da comunicação discursiva peculiar, possuindo sua concepção típica de destinatário, condição que a especifica como gênero discursivo. A título de ilustração, há as dicas que são intituladas como “sinais de alerta” (JIMENEZ; BETTI, 2012, p. 92) concernentes às pistas deixadas através do comportamento de crianças que estão sofrendo abusos sexuais.

No boxe destinado a expor os “sinais de alerta”, Gabriele Jimenez e Renata Betti visivelmente tiveram preocupação com o destinatário (leitor), fato evidenciado através da forma como elas organizaram as informações, selecionaram as palavras etc. Isto é, utilizaram, tendo como base fontes oficiais, como o Programa de Atendimento e Pesquisa em Violência da Universidade Federal de São Paulo, uma linguagem formal, no entanto, de fácil entendimento, trazendo à tona o acento apreciativo. A título de exemplificação, podem ser citados os seguintes sinais de alerta: isolamento; comportamento erotizado; desenhos em que as figuras aparecem mutiladas ou com órgãos sexuais à mostra; medo sem motivo; insônia e pesadelos constantes; queda no rendimento escolar; distúrbios alimentares, da anorexia à obesidade; modo de agir de uma criança mais nova³.

³ Id. p. 92.

Além disso, pela escolha das palavras, verificamos ainda que elas consideraram o leitor quanto ao grau de informações prévias, ao conhecimento sobre o assunto, à compreensão, ao interesse etc.

Em outros termos, as repórteres levaram em conta a percepção do seu discurso pelo destinatário, refletindo possivelmente sobre alguns fatores, a saber: a quantidade de informação que o outro tem sobre pedofilia, as convicções, o índice de valores sociais, as possíveis simpatias e antipatias etc. Todos esses elementos irão determinar a compreensão ativa do leitor em relação a esse gênero discursivo. Além do mais, determina ainda a seleção de seus elementos composicionais, assim como seus meios linguísticos, o estilo. Por falar sobre uma problemática social (pedofilia), *Mémórias que não se apagam* pode ser endereçada a grupos de leitores investidos dos mais diversos conhecimentos. Assim, ela poderia ter um viés científico, mais didático, instrucional etc., enfim, dependeria da relação dialógica entre as repórteres e o outro (destinatário/leitor), percebendo as especificidades inerentes a esse momento. Para Bakhtin (2003, p. 305),

portanto, o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciados. As várias formas típicas de tal direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiaridades constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso.

A reportagem em discussão, para nós, também possui outra propriedade própria do enunciado pleno, a conclusibilidade; por isso, é caracterizada como tal. Ao lê-la, notamos que Gabriele Jimenez e Renata Betti escreveram aquilo que efetivamente almejaram naquele momento, arraigadas a condições peculiares. Desta maneira, ao ouvi-la ou lê-la, é perfeitamente possível notar o fim do enunciado concreto. Em outros termos, é possível perceber a conclusibilidade das repórteres quanto ao assunto pedofilia. Segundo Bakhtin (2003, p. 280),

a conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer porque o falante disse (ou escreve) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições. Quando ouvimos ou vemos, percebemos nitidamente o fim do enunciado, como se ouvíssemos o “dixi” conclusivo do falante.

A conclusibilidade é, por assim dizer, própria da reportagem *Memórias que não se apagam* e a alternância dos sujeitos do discurso delimita-a, considerando o campo da atividade humana em que foi construída (Jornalismo). Essa alternância é perceptível, no diálogo real, uma vez que aqui exista a alternância das enunciações realizadas pelos interlocutores (os leitores), vistos como parceiros do diálogo (réplicas). Um dos pontos centrais concernente à conclusibilidade dessa reportagem é a possibilidade de resposta a ela por parte dos leitores. Isto é, por haver em relação a ela uma posição responsiva dos leitores. Com isso, fica inviável observá-la estritamente só no sentido da língua, já que os enunciados enquanto unidades discursivas apresentam possibilidade de resposta por parte do outro. Segundo Bakhtin (2003, p. 297),

[...] o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva.

O estilo, na reportagem em questão, também é um fator necessário para compreendermos detidamente a sua natureza. À luz de Bakhtin (2003), a questão do estilo está eminentemente relacionada ao enunciado e às formas típicas de enunciado, ou melhor, aos gêneros discursivos. Qualquer enunciado (oral, escrito, primário, secundário) apresenta um caráter individual, sendo possível observar nessa reportagem a individualidade de Gabriele Jimenez e Renata Betti. Todavia, não são todos os gêneros do discurso que apresentam a mesma proporcionalidade quanto ao estilo individual do falante. Em virtude disso, registramos que, em diversos gêneros (exceto os artístico-literários), por exemplo, a nosso ver, na reportagem *Memórias que não se apagam*, o estilo individual é um epifenômeno, como considerou Bakhtin (2003).

Volochinov (1930) afirma que tanto o plano composicional quanto o estilo do enunciado são suscetíveis àquilo que o autor considera como orientação social. Nesse sentido, para nós, ao escrever a reportagem *Memórias que não se apagam*, Gabriele Jimenez e Renata Betti observaram o perfil do interlocutor (o leitor), atentando para a orientação social no tocante a esse gênero discursivo. A nosso ver, a linguagem utilizada por elas está adequada aos conhecimentos do

interlocutor, lugar social, faixa etária e grau de instrução, fatores, segundo Volochinov (1930), imprescindíveis para a constituição dos enunciados. Nessa reportagem, a eficiência da enunciação é dependente do grau de consciência das repórteres em relação à orientação social dos enunciados utilizados.

Além da orientação social, todo enunciado é investido de sentido. Logo, não havendo sentido, é incoerente haver uma interação verbal, já que não é possível engajar o interlocutor. Na verdade, não passa de um aglomerado de palavras sem unidade. Isso nos possibilita concluir que o sentido é uma condição vital para o enunciado pleno. Até porque só podemos apresentar uma resposta, seja ela real ou virtual, caso o enunciado faça sentido. E, na nossa ótica, a reportagem *Memórias que não se apagam* indubitavelmente é investida de sentidos. Destarte, ao escrevê-la, Gabriele Jimenez e Renata Betti consideraram tanto a orientação social quanto o sentido, uma vez que este aspecto foi apresentado com a finalidade de ser compreendido responsivamente. Além do mais, através da escolha das palavras, observamos a expressividade, o tom apreciativo, a valoração, a clareza das informações, a objetividade etc. Sem esses limiares, a interação verbal entre as repórteres e seus destinatários (leitores) ficaria truncada, podendo haver ruídos que comprometessem o diálogo.

O enunciado, à luz do próprio Volochinov (1930), tem ainda outro elemento essencial que diz respeito à forma. Nesse caso, tanto o conteúdo quanto o estilo necessitam ter uma conformação material, no propósito de adquirir funcionalidade. O enunciado só é constituído através de uma expressão material, o que ocorre, para nós, com a reportagem em foco. Gabriele Jimenez e Renata Betti não tiveram a preocupação de elaborar certas tipologias para os enunciados, mas em fomentar seu estatuto. Em relação à forma, é conveniente observar a moldura do enunciado, ou melhor, os atributos que atribuem a tessitura da forma, dentre eles, a escolha e a disposição das palavras que o constituem. A compreensão de um enunciado está essencialmente associada a esses elementos, considerando ainda a situação e o auditório. Para nós, ao escrever a reportagem em análise, as jornalistas efetivamente atentaram para a sua expressão material, sendo cuidadosas quanto à escolha e à disposição das palavras.

Segundo Bakhtin (2003), o enunciado comporta uma característica constitutiva, a dialogicidade. Ela permite que o gênero do discurso, a exemplo da reportagem *Memórias que não apagam*, não seja aludido simplesmente como um produto pronto, acabado e, sobretudo, fechado. Essa reportagem passa a ser vista considerando suas relações essenciais com o âmbito social, as leituras prévias realizadas pelo leitor sobre o assunto abordado, suas experiências vividas, os diálogos tecidos com as outras áreas do saber, isto é, com a interação incessante entre essas instâncias. A dialogicidade está imbricada também com o ato de ler e com o processo de produção textual, uma vez que, conforme verificou Souza (2010, p. 65), “o leitor ou escritor estabelece um diálogo com o texto, nesses dois processos”.

Por fim, reiteramos que a comunicação, segundo Volochinov/Bakhtin (1981), é concebida como um ato interativo, muito mais largo do que a mera transmissão de informações. Assim, a linguagem é uma interação social constante. A nosso ver, Gabriele Jimenez e Renata Betti, ao redigirem a reportagem *Memórias que não se apagam*, atribuíram a ela marcas intrínsecas da sociedade, seu convívio familiar, suas experiências, além de pressuposições sobre aquilo que o interlocutor (o leitor) gostaria ou não de ouvir ou ler, vislumbrando seu contexto social.

Observando os elementos composicionais e o estilo de *Memórias que não se apagam*, verificamos que as repórteres usaram o verbo *chorar* sem o complemento materializado no plano da sintaxe, havendo a aglutinação sintático-semântico-discursiva, conforme ocorreu no exemplo (1):

Ex. (1) [...] Mesmo quando a justiça chega, o estrago já está feito. Na semana passada, a pequena R.M., de 8 anos, dava seu depoimento sobre a noite de terror que viveu ao lado do tio que a levava para um final de semana em Araruna, na Região dos Lagos Fluminense. Dormia⁴ quando sentiu o pesado corpo sobre o seu, nu, ferindo-a. Já *chorou* muito, mas não espantou a tristeza: ‘Será que um dia vou apagar esse pesadelo de minha cabeça?’ Na grande maioria das vezes, as vítimas da violência só começam a tratar os danos psicológicos depois de adultas. Em geral, têm dificuldades de estabelecer relacionamentos e são inseguras [...] (JIMENEZ; BETTI, 2012, p. 96. Grifo nosso).

No decorrer da reportagem, Gabriele Jimenez e Renata Betti informaram-nos sobre o abuso sexual vivido por R.M., conforme discutimos. Na concepção das repórteres, a palavra *chorou*

⁴ No quarto capítulo, analisaremos a aglutinação sintático-semântico-discursiva neste verbo.

mostra os sentimentos e as emoções da menina frente à situação vivida, como vimos no exemplo (1). A atitude do tio foi considerada e valorada tanto pelas repórteres como por RM como uma ação errada e inadequada realizada por aquele que deveria ser um amigo, um cuidador e um protetor. Considerando o sentido completo da enunciação, notamos que o horizonte axiológico/valorativo e a expressividade permitiram o objeto *choro/lágrimas* ser aglutinado no verbo *chorar*, não tendo a sua ocupação no plano da sintaxe. Em outros termos, haver a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *chorar*.

Para nós, desaglutinar o objeto *choro/lágrimas* do verbo em análise não auxilia o sujeito-interlocutor compreender ativamente a palavra *chorou*, assumindo uma posição de respondente. Isto é, escrever “já *chorou choro/lágrimas* muito, mas não espantou a tristeza: ‘Será que um dia vou apagar esse pesadelo de minha cabeça?’” (JIMENEZ; BETTI, 2012, p. 96). Considerando Volochinov/Bakhtin (1926), a nosso ver, a reportagem em discussão representou a interação social existente entre o falante, o ouvinte e o tópico da fala, erigindo como produto. E a aglutinação sintático-semântico-discursiva é resultado desta dialogicidade.

4 Conclusão

Com base na discussão tecida aqui neste artigo, podemos afirmar que o verbo definido como intransitivo pela Gramática Tradicional é um caso de aglutinação sintático-semântico-discursiva. Desta feita, observamos nele a união do complemento, não havendo a ocupação do objeto no plano da sintaxe, assim como mostramos, no verbo *chorar*, a partir da análise realizada na reportagem impressa *Memórias que não se apagam*.

5 Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008[1929].

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)**. 1926. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/96529004/M-Bakhtin-Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2005 (p. 25-36).

BETTI, R.; JIMENEZ, G. Memórias que não se apagam. **Revista Veja**, São Paulo, 30 mai. 2012, p. 90-96.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem In: _____ (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2005 (p. 87-98).

NÓBREGA, F. **A aglutinação sintática discursiva: diálogos com Bakhtin**. 2006. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

VOLOSCHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre a poética sociológica). Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.